UMA JANELA
SOBRE A COMUNICAÇÃO

EBOOK: AQUILO QUE NÃO SE TOCA, CORRE O RISC O DE NÃO SER VALORIZADO!

A muitos não agrada. Falo do eBook, porque por antonomásia o livro é aquele objeto impresso no papel, que pode ser folheado tanto sob o guarda-sol, no verão, quanto sobre o mais alto monte da nossa Península.

O livro ocupa um espaço físico nas nossas casas, tem seu lugar cativo, muda conosco, produz um rumor surdo quando cai por terra. Justamente por essa sua consistência física que acompanhou toda a nossa formação, o livro impresso permanece como referência de base mas, como bem sublinhou Marshall Mc Luhan, o famoso mass mediólogo canadense, o livro foi o centro na assim chamada "Era Gutemberg", ou seja, desde a invenção da imprensa até os inícios do século XX.

Não nos esqueçamos de que também a comunicação religiosa foi realizada através de livros impressos: catecismo, Bíblia e livros de teologia caracterizaram com seu peso físico as bolsas e as mochilas de muitos de nós. A era "E", ou seja, a eletrônica, transformou profundamente os modelos de conhecimento, chegando até a desmaterializar documentos, subsídios e dinheiro, fazendo-os transitar através dos bit. Mas justamente no momento em que poderia ficar ainda mais claro que saber e cultura não são bens materiais e, portanto, podem servir-se de subsídios desmaterializados, descobrimos que é mais fácil apegar-nos aos hábitos, ao standard, do que converter-nos à nova modalidade.

Penso em quem foi treinado e preparado para gerenciar uma livraria, entre prateleiras, códigos, catálogos, pedidos e pacotes. Como pode imaginar-se, improvisamente, trabalhando apenas atrás de um monitor ou em um depósito anônimo sem contato com as pessoas?

O eBook é demais recente para já ter feito espaço em nosso coração e em nossa carteira. Oficialmente nasceu em 1971, com o Projeto Gutemberg, lançado pelo especialista em informática e escritor Michael Hart, que previa a digitalização dos textos impressos livres dos direitos, para podê-los difundir na Internet. Um sonho do copyleft (o direito livre), mas a morte do copyright e de quantos vivem do mercado editorial.

O eBook prevê estes componentes: um texto simples que seja convertido em formato standard para editoria eletrônica como a ePub. De outra parte, o ususário deve ter um tablet pc com um leitor de eBook e a instalação de um software que interpreta os standard da editoria eletrônica.

Na versão eletrônica do livro, o lugar da memorização dos conteúdos é um lugar indefinido do ponto de vista físico, um lugar, de qualquer forma, difuso e imaterial, inacessível a nós.

Um formato não exclui necessariamente o outro, pelo contrário. Quem geralmente adquire um e-book, não deixa de comprar também o livro no formato clássico impresso, e isso vale também para o contrário, obviamente. A convivência entre impresso e digital não é só possível, mas conveniente para ambos os formatos. O importante é que o usuário não caia no equívoco que o leve a pensar que um livro eletrônico deva ser, por força, vendido a um preço mínimo ou que seja simplesmente gratuito ou, pior ainda, pirateado. Porque, aquilo que não se toca, corre o risco de não ser valorizado!

Pe. Marco Sanavio